

# Artesanato

Cláudia Albino

*No presente texto não é utilizada a grafia do novo acordo ortográfico português.*

A palavra artesanato é muito recente e tem a sua origem na palavra francesa *artisanat*. Segundo Júlio Katinsky (2007), o termo *artisanat* surgiu pela primeira vez em 1920 para designar a actividade do artesão. A designação francesa de *artisanat* tem a sua origem na palavra italiana *artigiano*, do século XV. A palavra *artigiano* surge quando no Renascimento, em Florença, se estabelecem claramente as diferenças entre as competências atribuídas às pessoas que decidiam as grandes obras de arte e aquelas que eram atribuídas aos executantes dessas mesmas obras de arte. Esta cisão de competências é claramente manifestada na obra *De re aedificatoria libri decem*, terminada em 1452 e publicada em 1485, de Leon Battista Alberti.

Nesta publicação estabelecesse com precisão a separação entre o trabalho de projecto desenhado, que possibilita prever e delinear previamente a configuração da obra, e os trabalhos de execução da mesma. Faz sentido que a palavra *artigiano* surja precisamente no século XV, em Itália, uma vez que, pela primeira vez terá sido necessário distinguir e designar as pessoas que continuavam a criar e a produzir em simultâneo, daquelas que previam pelo projecto os artefactos que viriam a ser produzidos posteriormente por terceiros ou não. Assim, até ao Renascimento, pela ausência de projecto desenhado com um desígnio que antecede a própria produção, o único processo de criação conhecido era o da produção artesanal, no qual a relação entre *theoria* (conhecimento teórico e cognitivo), *praxis* (conhecimento adquirido pela prática de fazer algo) e *poiesis* (conhecimento que envolve o acto de produzir ou criar algo) não tem fronteiras definidas, sendo a actividade criativa inseparável do processo de manufactura.

É interessante observar que a primeira lei francesa de 26-VII-1925, que define artesãos apenas cinco anos depois da data a que se atribui o aparecimento da palavra *artisanat*, define-os como “trabalhadores

manuais que realizam o trabalho por si mesmos sem se encontrarem sob a direcção de um patrão” (Gström, *et al.*, 1987:577). Nesta definição fica bem claro que o artesão não é um operário e que nas produções artesanais a presença e a criatividade humana, são constantes em toda a cadeia de valor do produto.

A gestão dos pequenos negócios artesanais, realizados por pessoas e destinados a pessoas frequentemente conhecidas entre si, conduziu a que os artesãos, com o objectivo da defesa dos seus interesses, se organizassem em *grémios*, *guildas* ou *bandeiras*, o que mais tarde veio a designar-se por *corporações* de metais, madeiras, têxteis, pedra, alimentação, cerâmica, peles, entre outras.

As *corporações* atingiram o seu expoente mais alto nas cidades da Idade Média, onde as pessoas aprendiam e aperfeiçoavam as técnicas necessárias para a realização dos artefactos, tendo-se-lhes ficado a dever muita da toponímia urbana, que ainda hoje existe nas ruas das cidades. A permanência desta toponímia, assim como a existência de pequenas oficinas artesanais em muitas das cidades contemporâneas, são reveladoras da importância destes misteres na organização dos burgos modernos, tendo-se mantido os processos artesanais de forma difusa no território europeu até aos nossos dias, como o revelou o estudo *Identification des futures competences requises dans les microentreprises et les entreprises d’artisanat d’ici 2020*. Este estudo começa por esclarecer que não existe uma definição de artesanato no quadro da União Europeia (UE), e que este sector é muito diversificado, incluindo uma multiplicidade de profissões e de negócios (FBH, 2011:43). Sobre a amplitude do que se considera ser artesanato na Europa o relatório refere que o conceito é, em cada um dos países europeus, definido de acordo com as tradições específicas locais. No entanto, e de forma conclusiva, identifica cinco características das microempresas artesanais, apresentando-as como denominadores comuns:

- “Um grande envolvimento financeiro pessoal do dono da empresa, preferindo independência financeira;
- Uma participação do proprietário da empresa em toda a cadeia de valor dos produtos, requerendo competências artesanais de técnicas e de gestão;
- A aprendizagem na oficina continua a ser um meio de transmitir competências técnicas e de gestão do ofício;
- Contribuição activa para a produção de produtos e serviços em pequenas quantidades, de tamanho único, ou mesmo realizados sob encomendas com especificidades únicas;
- Uma grande proximidade com o cliente final ” (*ibidem*:50).

Estes denominadores comuns revelam que a actividade artesanal continua a preservar um grande domínio do artesão em todo o ciclo produtivo. Esta característica também é identificada nas definições sobre artesanato e artesão formuladas pela 1ª vez num documento legislativo português, que os determina do seguinte modo:

“O artesanato é um sector de actividade que em Portugal mantém ainda formas de produção e expressão de raiz predominantemente popular: é um saber fazer que reveste processos produtivos e de organização do trabalho peculiares, diferentes e específicos em cada região, em interdependência com as necessidades e valores do quotidiano, apesar da concorrência da produção

industrializada.[...] considera-se artesão o trabalhador que, isolado em unidade de tipo familiar ou associado, transforma matérias primas e produz ou repara objectos (ou presta serviços sociais) e ao qual se exige um certo sentido estético e habilidade ou perícia manual, podendo, no entanto, usar máquinas como auxiliares do trabalho, e cuja intervenção pessoal, dominando, todas as fases do processo produtivo, constitui factor predominante no mesmo” (Portaria nº1099/80 de 29 de Dezembro).

O estudo elaborado conduz-me a definir o artesanato como conhecimento tácito do artesão inter-geracionalmente transmitido, o produto desse conhecimento e os serviços que lhe estão associados, incluindo-se no conceito também o próprio artesão. De alguma forma o artesanato é, como perspectiva Shils (1992), um conhecimento também tradicional no sentido em que ele inscreve crenças e conhecimento que resultam de um “consenso ao longo do tempo”. Na procura da perfeição funcional, tecnológica, estética, e social, o artesão recorre à tradição, construindo soluções endógenas que possibilitam uma melhoria da qualidade de vida da comunidade. Sublinho que para a definição que agora apresento sobre artesanato foi determinante o contributo do sociólogo Richard Sennett que descreve o artesanato como “cultura material e conhecimento tácito, habilidades que se acumulam e se transmitem através da interacção social, autentico saber corporal (...)” (2010:33). Isto é, também entender o artesanato como *habitus* (Bordieu,1994).

## Bibliografia:

Alberti, L. B. (1485). *De re aedificatoria. On the art of building in ten books*. (traduzido por Joseph Rykwert, Neil Leach, and Robert Tavernor em 1988). Cambridge, Mass.:MIT Press.

Bordieu. (1994). *Raison pratiques – sur la théorie de l’action*. Paris, ed. Seuil.

FBH (2011). *Identification des futures competences requises dans les microentreprises et les entreprises d’artisanat d’ici 2020*, 1-145. Acedido em Janeiro, 10, 2013 em <http://eur-lex.europa.eu>

Gström, M., et al., (eds.). (1987). *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, (vols.xxxviii, apêndice). Lisboa, Rio de Janeiro, ed. Enciclopédia, Lda.

Katinsky, J. (2007). Artesanato Moderno. *Agitprop. Revista Brasileira de Design*, I (1).Consultado a 18-11-2010 em [http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio\\_det&id=5&Titulo=repertorio](http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio_det&id=5&Titulo=repertorio).

Sennett, R. (2010). *El Artesanato*. Barcelona, Editorial Anagrama.

Shils, E. (1992). *Centro e Periferia*. Lisboa, ed. Difel.